

Geografia e Meio Ambiente

**Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
(Organizadoras)**



Atena
Editora

Ano 2021

Geografia e Meio Ambiente

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia e meio ambiente / Organizadoras Fernanda Pereira Martins, Raquel Balli Cury. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-763-5

DOI 10.22533/at.ed.635212901

1. Geografia. 2. Interconexões. 3. Práticas. I. Martins, Fernanda Pereira (Organizadora). II. Cury, Raquel Balli (Organizadora). III. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O espaço geográfico, objeto da ciência geográfica, constitui-se em palco onde as atividades humanas se desenvolvem e se inter-relacionam com a natureza numa perspectiva sinérgica e complexa, tendo, para tanto, respaldo direto sobre o meio ambiente, influenciando e sendo por este influenciado.

Para que atuação do homem se dê de maneira equilibrada e efetiva dentro das relações em curso no espaço geográfico, é necessário ampliar a sua consciência sobre as características deste espaço, bem como os efeitos advindos da sua atuação sobre o mesmo. Portanto, torna-se imprescindível oportunizar e expandir cada vez mais o debate científico acerca da Geografia e o Meio Ambiente.

Nesta perspectiva, apresentamos esta obra, na qual competentes profissionais puderam divulgar suas pesquisas e suas reflexões, compondo um total de vinte (20) capítulos.

Agradecemos aos autores por fazerem desta obra um prolífico palco de discussões através de relatos de experiências pedagógicas, estudos de casos e revisões bibliográficas compostas pelos mais variados saberes associados à Geografia e Meio Ambiente.

Esperamos que o resultado dos estudos publicados com todo zelo e cuidado pela Atena Editora possam estimular o pensamento crítico acerca da temática em foco, a qual carece de maior atenção nos dias atuais.

Fernanda Pereira Martins e Raquel Balli Cury

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ABORDAGENS DE ALGUMAS LIVES E WEBINARES DE BIOGEOGRAFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL DURANTE A COVID-19

Edinéia Vilanova Grizio-Orita

Leonardo Rodrigues

Victória Jandira Bueno

DOI 10.22533/at.ed.6352129011

CAPÍTULO 2..... 13

O ENSINO DA GEOGRAFIA ACOLHEDORA NA EJA EM UM MUNDO COMANDADO PELO CAPITALISMO FINANCEIRO

Eliel Ribeiro dos Anjos

DOI 10.22533/at.ed.6352129012

CAPÍTULO 3..... 25

A FOME E A POBREZA: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Vanessa Maria Ludka

Mariana Pereira da Silva

Sérgio Augusto Pereira

DOI 10.22533/at.ed.6352129013

CAPÍTULO 4..... 39

A INFLUÊNCIA DAS VARIAÇÕES DA TEMPERATURA DO MAR DO PACÍFICO TROPICAL NO CLIMA DE JANUÁRIA/MG

Ewerton Ferreira Cruz

Alecir Antonio Maciel Moreira

José Henrique Izidoro Apezteguia Martinez

DOI 10.22533/at.ed.6352129014

CAPÍTULO 5..... 52

A LUTA PELA ÁGUA NO SEMIÁRIDO BAIANO: O PROGRAMA ÁGUA PARA TODOS TRACEJADO PELO PROJETO CISTERNAS

Vinícius Rios da Silva

Lilian da Mota Silva Cerqueira

Alessandra Oliveira Teles

DOI 10.22533/at.ed.6352129015

CAPÍTULO 6..... 65

A PERMACULTURA URBANA E OS NEXOS COM AS MICROCERVEJARIAS INDEPENDENTES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO

Milena Fernandes Zorzi

Francisco Fransualdo de Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.6352129016

CAPÍTULO 7.....	84
AGRICULTURA URBANA, POLÍTICAS ALIMENTARES URBANAS E AS GEOGRAFIAS ALIMENTARES ALTERNATIVAS	
Bruno Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6352129017	
CAPÍTULO 8.....	101
ANÁLISE DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE MEL PELA AGRICULTURA FAMILIAR DE GUARAPUAVA-PR	
Cézar Pereira	
Mario Zasso Marin	
DOI 10.22533/at.ed.6352129018	
CAPÍTULO 9.....	114
AUTOGOVERNANÇA OU DEPENDÊNCIA DO PODER PÚBLICO? O 'CAMINHO DO VINHO' NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS (PARANÁ, BRASIL)	
Clotilde Zai	
Cicilian Luiza Löwen Sahr	
DOI 10.22533/at.ed.6352129019	
CAPÍTULO 10.....	129
"CÉLULAS" DEVORADORAS: <i>O CANCRO SAPIENS SAPIENSE E A QUESTÃO AMBIENTAL</i>	
Ednaldo Emilio Ferraz	
José Ferreira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.63521290110	
CAPÍTULO 11.....	141
DA MODERNIZAÇÃO TECNOLÓGICA DA AGRICULTURA A CONSOLIDAÇÃO DO SETOR AGROINDUSTRIAL: A TERRITORIALIDADE DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL	
Tiago Ribeiro de Souza	
Sergio Fajardo	
DOI 10.22533/at.ed.63521290111	
CAPÍTULO 12.....	146
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS CHUVAS NA MALHA URBANA DE CATALÃO (GO) EM 2016-2017	
Ayr Carvalho Costa	
Rafael de Ávila Rodrigues	
Leonardo Ferreira Prado	
DOI 10.22533/at.ed.63521290112	
CAPÍTULO 13.....	160
ESPAÇOS DE RISCO EM ANGRA DOS REIS/RJ: UM ESTUDO SOBRE FREQUÊNCIA E DISTRIBUIÇÃO DAS CHUVAS	
Gabriela Fernandes Santos Alves	
Heitor Soares de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.63521290113	

CAPÍTULO 14.....	169
MONITORAMENTO AMBIENTAL DE METAIS PESADOS EM BRIÓFITAS PELA ANÁLISE DE ESPECTROMETRIA DE ABSORÇÃO ATÔMICA – AAS EM GUARAPUAVA, PR	
Glauco Nonose Negrão	
Ricieli Maria François dos Santos	
Breno Henrique Marcondes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63521290114	
CAPÍTULO 15.....	180
RESÍDUOS SÓLIDOS: ABORDAGEM GERAL	
Carolina dos Santos Camargos	
Fernanda Pereira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.63521290115	
CAPÍTULO 16.....	193
RIO QUENTE PAISAGEM E OS LUGARES	
Joel Cândido dos Reis	
Rildo Aparecido Costa	
DOI 10.22533/at.ed.63521290116	
CAPÍTULO 17.....	201
SENDO DE PERTENCIMENTO E INCLUSÃO DO INDIVÍDUO NO TERRITÓRIO: ANÁLISE DE AÇÕES SOCIAIS EM PROGRAMA HABITACIONAL EM UBERLÂNDIA-MG	
Demóstenes Coutinho Gomes	
Anderson César Fernandes	
Cláudia Dias de Souza	
Fabrício Pelizer de Almeida	
Filipe Augusto Silva de Almeida	
Lis de Fátima Fernandes Soler	
Luiz Humberto de Freitas Souza	
Moisés Keniel Guilherme de Lima	
Otávio Amaro de Oliveira Silva	
Plínio Scheucher	
DOI 10.22533/at.ed.63521290117	
CAPÍTULO 18.....	217
TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E ENVOLVIMENTO PARTICIPATIVO NOS COCAIS E NA PLANÍCIE LITORÂNEA NO PIAUÍ	
Josenildo de Souza e Silva	
Jussara Gonçalves Souza e Silva	
Maria Irenilda de Sousa Dias	
DOI 10.22533/at.ed.63521290118	
CAPÍTULO 19.....	229
UMA REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE OS ASPECTOS DO CLIMA URBANO	
Ayr Carvalho Costa	
Marina da Silva Santos	

Rildo Aparecido Costa
Rafael de Ávila Rodrigues
Paulo Cesar Mendes

DOI 10.22533/at.ed.63521290119

CAPÍTULO 20	270
ADMINISTRACION DE CALETAS PESQUERAS EN CHILE BAJO LA LEY N°21.027 Guillermo Martínez-González Marcelo Martínez-Fernández Christian Díaz-Peralta DOI 10.22533/at.ed.63521290120	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	307
ÍNDICE REMISSIVO	308

CAPÍTULO 2

O ENSINO DA GEOGRAFIA ACOLHEDORA NA EJA EM UM MUNDO COMANDADO PELO CAPITALISMO FINANCEIRO

Data de aceite: 01/02/2021

Eliel Ribeiro dos Anjos

IF Baiano Campus Santa Inês
Santa Inês – BA
ORCID:0000-0003-2027-2129

RESUMO: Este artigo tem como tema “O Ensino da Geografia Acolhedora na EJA em um Mundo Comandado pelo Capitalismo Financeiro” e objetiva seu estudo em um mundo no qual as desigualdades sociais são mais acentuadas, principalmente em uma sociedade de capitalismo dependente como a brasileira. Temos como objetivos específicos: Entender a EJA como a necessidade de reparação de uma dívida social; e compreender o ensino da EJA na Geografia como um espaço de aprendizagem acolhedor. O problema de investigação levantado consiste em verificar se apesar de toda desigualdade social vivenciada pelos alunos da EJA, ainda é possível aprender Geografia de forma acolhedora. A metodologia utilizada apoia-se em uma pesquisa bibliográfica que envolve três categorias: EJA, Capitalismo Financeiro e Geografia Acolhedora. A relevância do estudo realizado neste artigo está em perceber que a Geografia pode ser ensinada com base nas experiências dos alunos da EJA, de uma forma prática, didática, humana, viva e acolhedora. Nas considerações finais, constata-se que para os detentores do capitalismo financeiro, quanto menos debate houver e mais ignorância existir na sociedade brasileira, maior

será a chance de prevalecer a hegemonia imperialista. Todavia, o ensino libertador é uma realidade possível e ele é o caminho para balançar as estruturas imperialistas, por isso deve ser priorizado nas escolas, não só na Geografia, mas em todas as unidades curriculares.

PALAVRAS - CHAVE: EJA. Capitalismo Financeiro. Geografia Acolhedora.

ABSTRACT: This article has as its theme “The Teaching of Welcoming Geography at EJA in a World Commanded by Financial Capitalism” and aims to study it in a world in which social inequalities are more accentuated, especially in a society of dependent capitalism such as Brazil. We have as specific objectives: To understand EJA as the need to repair a social debt; and understand the teaching of EJA in Geography as a welcoming learning space. The research problem raised consists of verifying whether, despite all the social inequality experienced by EJA students, it is still possible to learn Geography in a welcoming way. The methodology used is based on a bibliographic research that involves three categories: EJA, Financial Capitalism and Welcoming Geography. The relevance of the study carried out in this article is to realize that Geography can be taught based on the experiences of EJA students, in a practical, didactic, human, lively and welcoming way. In the final considerations, it appears that for the holders of financial capitalism, the less debate there is and the more ignorance there is in Brazilian society, the greater the chance of imperialist hegemony prevailing. However, liberating education is a possible reality and it is the way to balance imperialist structures, so it

must be prioritized in schools, not only in Geography, but in all curricular units.

KEYWORDS: EJA. Financial Capitalism. Welcoming Geography.

1 | INTRODUÇÃO

Educação para ser educação precisa estar envolvida com o desejo de instituição de pessoas que não só busquem um posto de trabalho, mas que estejam buscando a realização de seus desejos e mesmo de seus sonhos (BARCELOS, 2012, p. 26).

O interesse por este estudo que tem como tema “O Estudo da Geografia Acolhedora na EJA em um Mundo Comandando pelo Capitalismo Financeiro” surgiu a partir da prática de estágio junto à Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto estudante do Curso de Licenciatura em Geografia, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, no *campus* Santa Inês.

Trazendo a experiência própria de adentrar na faculdade com mais de 40 anos de idade, também a EJA faz parte da realidade de um estudante trabalhador que cursou a Licenciatura com muita dificuldade em virtude da tripla jornada: trabalho, estágio e estudo.

Todavia, a realidade socioeconômica dos estudantes da EJA encontrados no campo de estágio é totalmente diferente da de um serventuário da Justiça Estadual que apesar do cansaço, não enfrenta os problemas sociais que estes alunos vivenciam no dia a dia.

Sendo assim, o objetivo geral deste artigo consiste em estudar o ensino na Geografia Acolhedora na EJA em um mundo comandando pelo capitalismo financeiro, no qual as desigualdades sociais são mais acentuadas, principalmente em uma sociedade de capitalismo dependente como a brasileira. E os específicos: Entender a EJA como a necessidade de reparação de uma dívida social; e compreender o ensino da EJA na Geografia como um espaço de aprendizagem acolhedor.

O problema de investigação levantado relaciona-se à necessidade de verificar se apesar de toda desigualdade social vivenciada pelos alunos da EJA, ainda é possível aprender Geografia de forma acolhedora. A relevância do estudo está em perceber que a Geografia pode ser ensinada com base das experiências dos alunos da EJA, de uma forma prática.

A pesquisa bibliográfica envolveu três categorias fundamentais: Capitalismo Financeiro, EJA e Geografia Acolhedora. Alguns autores que estudam estes temas foram destacados neste artigo com suas ricas considerações, que foram interligadas pela questão que envolve as três seções: as desigualdades sociais vivenciadas pelos alunos da EJA.

Após as ponderações acima constituem a introdução deste artigo (1); apresenta-se, na sequência (2), o referencial teórico da pesquisa tomando por base: (2.1) A Educação em um Contexto de Dominação do Capitalismo Financeiro; (2.2) A EJA como uma Necessidade de Reparação de uma Dívida Social; (2.3) O Ensino da Geografia na EJA em um Espaço

Pedagógico de Aprendizagem Acolhedor. Nas considerações finais (3), será retratado que para os detentores do capitalismo financeiro quanto menos debate houver e mais ignorância existir na sociedade brasileira, maior será a chance de prevalecer a hegemonia imperialista. Todavia, o ensino libertador é uma realidade possível e ele é o caminho para balançar as estruturas imperialistas, por isso deve ser priorizado nas escolas, não só na Geografia, mas em todas os elementos curriculares.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico apresentado neste artigo se propõe a discutir de forma articulada três categorias teóricas de extrema importância na atualidade: Capital Financeiro, Educação de Jovens e Adultos e Geografia Acolhedora.

A primeira seção apresenta “A Educação em um Contexto de Dominação do Capitalismo Financeiro”, dialogando com autores como David Harvey, José Paulo Netto, Luiz Alberto Moniz Bandeira e outros estudiosos deste tema; como também os reflexos da dominação capitalista na Educação, visto que segundo Florestan Fernandes, o “Estado virou mecenas do ensino privado”.

A segunda seção traz a necessidade de compreensão da “EJA como uma Necessidade de Reparação de uma Dívida Social”, amparada em teóricos como Valdo Barcelos, Sérgio Haddad e Carlos Alberto Torres. Lembrando que o ensino da EJA deve ser baseado na perspectiva de acolhimento de Paulo Freire.

A terceira e última seção intitulada “O Ensino da Geografia na EJA em um Espaço Pedagógico de Aprendizagem Acolhedor” traz a concepção teórica de autores como Milton Santos, Zygmunt Bauman, David Harvey e outros. Perpassa pelas diversas concepções de Geografia para especificar que no ensino da EJA a opção precisa ser pela Geografia Crítica e Acolhedora.

A intenção do artigo é levar o leitor à compreensão de que o ensino da Geografia Acolhedora na EJA – em um mundo comandado pelo capitalismo financeiro, no qual as desigualdades sociais são mais acentuadas, principalmente em uma sociedade de capitalismo dependente como a brasileira - é possível e viável, rompendo com a perspectiva de uma Geografia baseada em memorização e repetição.

2.1 A Educação em um Contexto de Dominação do Capitalismo Financeiro

Retratar o Capital Financeiro exige uma leitura de um teórico que pesquisou profundamente este tema: Karl Marx; e para adentrá-lo, alguns estudiosos serão destacados: David Harvey, José Paulo Netto, Marcelo Braz, Marilda Iamamoto e François Chesnais.

De acordo com o pensamento de Harvey (2018), as análises de Marx por mais impressionantes que pareçam, são mais importantes na atualidade do que na época em que foram redigidas. Isto porque “aquilo que, nos tempos de Marx, era um sistema econômico dominante em apenas uma pequena parcela do mundo, hoje, recobre a superfície terrestre

com implicações e resultados espantosos” (p. 13).

O autor considera que Marx além de teórico, acadêmico e intelectual de primeira, era também um ativista e polemista. Seus comentários sobre as leis de movimento do capital, sobre suas contradições internas e seus absurdos são imprescindíveis para a compreensão do capitalismo de agora.

A principal intenção de Marx em *O Capital* era desconstruir a visão utópica do capitalismo de livre mercado que os economistas políticos da época defendiam. Ele tentou mostrar como as liberdades do mercado não produzem um resultado que é benéfico para todos [...] mas que produziram uma distopia de miséria para as massas e uma enorme riqueza para a classe proprietária capitalista (ibid., p. 36)

Harvey chega a afirmar que faz parte da produção capitalista a especulação, porém dentro do “sistema financeiro essa característica é exacerbada, transformando-se em fetiche supremo. Os financistas, diz Marx, ‘possuem o agradável caráter híbrido de vigaristas e profetas’” (ibid., p. 49).

Neste sentido, Marques (2015) explica que o capitalismo contemporâneo possui duas características: 1. A mundialização do capital; 2. Centralidade do capital financeiro ou capital portador de juros, como afirmava Marx. E Netto e Bráz (2008) explicam o que vem ocorrendo na atualidade de forma bastante lúcida:

O capitalismo contemporâneo particulariza-se pelo fato de, nele, o capital estar destruindo as regulamentações que foram impostas como resultado das lutas do movimento operário e das camadas trabalhadoras [...] Para legitimar essa estratégia, o grande capital fomentou e patrocinou a divulgação maciça do conjunto ideológico que se difundiu sob a designação de neoliberalismo [...] a ideologia neoliberal, sustentando a necessidade de “diminuir” o Estado e cortar suas ‘gorduras’, justifica o ataque que o grande capital vem movendo contra as dimensões democráticas da intervenção do Estado na economia. (p. 225-227).

Compactuando com este pensamento, Chesnais concebe a fase contemporânea do capitalismo como o período de mundialização do capital que tem início na década de 1980 e é muito diferente do período fordista, como também da época inicial da fase imperialista.

Não é mais um Henry Ford ou um Carnegie, e sim o administrador praticamente anônimo (e que faz questão de permanecer anônimo) de um fundo de pensão com ativos financeiros de várias dezenas de milhões de dólares, quem personifica o ‘novo capitalismo’ de fins do século XX (CHESNAIS, 1996, p. 14).

Voltando a Netto e Braz (2008) se fluxos econômicos são marcas registradas do capitalismo, no estágio imperialista eles se intensificam. Porém, aparecem com particularidades. Por exemplo, “os três grupos de países que lideram o campo imperialista, constituintes da chamada Tríade (Estados Unidos, União Europeia e Japão), realizam entre si o grosso das transações comerciais...” (p. 229).

Sendo assim, no entendimento de Chesnais (1996) a dinâmica específica das finanças alimenta-se de dois mecanismos: 1. Inflação do valor dos ativos que é sinônimo de capital fictício; 2. Transferências efetivas de riqueza para a esfera financeira, destacando-se o serviço da dívida pública e as políticas monetárias associadas a este serviço.

Por isso Netto e Braz argumentam que “as finanças passaram a constituir, nos últimos trinta anos, o sistema nervoso do capitalismo – nelas se espelham, particularmente, a instabilidade e os desequilíbrios da economia dessa fase do estágio imperialista” (2008, p. 233). Os autores ainda acrescentam:

No mundo vivenciado na entrada do século XXI, a forma de circulação da mercadoria e hábitos e padrões de consumo foram radicalmente alterados. Inclusive: e se as megacorporações adquiriram poder planetário, a contrapartida disso é que várias dezenas de Estados nacionais foram obrigados a renunciar a qualquer pretensão à soberania, tornando-se verdadeiros “Estados-anões” (p. 238).

Partindo desta linha de pensamento, Iamamoto (2008) explica que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo e que “afeta todas as condições sociais e políticas dos países, assim como o movimento operário e suas lutas” (p. 103). E por isso é preciso refletir a respeito dos “dilemas da questão social no marco da mundialização do capital sob a hegemonia das finanças” (ibid.).

Inclusive, Bandeira (2018) registra que o capitalismo, no decorrer da história, consistiu na única formação econômica com habilidade de expansão mundial. E na atualidade os Estados Unidos constituem uma potência ultraimperial, responsável pela segurança do capital financeiro globalizado.

Diante do quadro traçado pelos estudiosos do capital financeiro, faz-se necessário compreender a hegemonia das finanças para se entender “a loucura da razão econômica”, como diz Harvey. E nesta mesma proporção de entendimento, verificar que a Educação no Brasil tem sido alvo de ameaças, pois o “Estado tornou-se um mecenas do ensino privado” (FERNANDES, 1989, p. 37)

De acordo com Fernandes, nas sociedades capitalistas, tanto a escola quanto o saber e a pesquisa “fazem parte de complexo institucional que organiza e reproduz a hegemonia ideológica das classes dominantes...” (ibid., p. 43). Mas o autor, apesar das difíceis circunstâncias que vivencia a educação no país, afirma que “a ignorância é o desafio histórico número um do Brasil. Por isso, a educação se erige como a arma que devemos manejar com tenacidade e sabedoria para sairmos do atoleiro” (ibid., p. 79). Sendo assim, é possível vencer este desafio.

2.2 A EJA como uma Necessidade de Reparação de uma Dívida Social

O Brasil tem necessidade de reparar uma dívida social que possui com os jovens e adultos que na infância precisaram abandonar os estudos para trabalhar, em virtude da vulnerabilidade socioeconômica que a desigualdade social provoca em uma sociedade de

capitalismo dependente.

Vive-se em um tempo, segundo Barcelos, onde a exclusão e a privação fazem parte do cotidiano de imensos contingentes da população mundial. E é exatamente neste cenário que o processo educativo acontece.

As possibilidades de satisfação pessoal de lazer e de alegria são ampliadas e diversificadas para algumas camadas da sociedade e negadas para outras tantas; da mesma forma que a medicina consegue “quase milagres” para aqueles que podem pagar fortunas para uma cirurgia embelezadora ou por uma processo de fertilização artificial, enormes contingentes de homens, mulheres e crianças morrem de fome...(BARCELOS, 2012, p. 24)

Compactuando com Barcelos, segundo o pensamento de Torres (2011), os jovens e adultos trabalhadores se esforçam para prevalecer diante de suas melindrosas condições de saúde, moradia, alimentação, enfim, de vida. Ele salienta que a história de adultos no Brasil pode ser dividida em três períodos: 1) De 1946 a 1958: foram realizadas grandes campanhas nacionais chamadas de cruzadas com o intuito de “erradicar o analfabetismo”, que era compreendido como uma doença, uma malária; 2) De 1958 a 1964: por meio das contribuições de Paulo Freire foi criado o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, extinto pelo Golpe de 1964; 3) O Governo Militar insistia em campanhas como a “Cruzada do ABC” (Ação Básica Cristã) e com o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Ele ainda registra que em 1989, foi criada no Brasil a Comissão Nacional de Alfabetização que continua até os tempos atuais.

Sérgio Haddad (2007) explica que apesar da educação de jovens e adultos no Brasil vir gradativamente sendo reconhecida como um direito para milhões de pessoas que não tiveram oportunidade de realizar sua escolaridade desde meados do século passado, esse direito só foi formalizado em lei, como dever de oferta obrigatória pelo Estado brasileiro, a partir da Constituição de 1988, e reafirmado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Mesmo assim, não se implantou nacionalmente uma política para EJA, nem se concretizou, como decorrência da conquista desse direito, um sistema nacional articulado de atendimento que permita que todos os cidadãos e cidadãs jovens e adultos possam, pela escolarização, enfrentar os desafios de uma sociedade como a brasileira.

Ainda salienta Haddad (ibid.) que em programas de EJA a evasão escolar é reconhecidamente elevada, em função não só de fatores internos aos processos de ensino-aprendizagem, provocados pelas dificuldades inerentes a essa modalidade de educação, mas também por fatores externos vinculados às difíceis condições de vida dos alunos. Segundo o autor, para superar tais dificuldades, é importante que ocorram incentivos à permanência dos alunos na escola.

Voltando a Barcelos (2012), a EJA não é um caso à parte na educação. Na atualidade, ela deve ser considerada como um ponto desafiador da capacidade do educador de inventar, criar, recriar e reinventar práticas pedagógicas mais dialógicas. Sendo assim,

o tempo e o espaço da escola são um domínio “instituidor de um território onde muitos eventos acontecem e que podem ser transformados em experiências” (p. 93)

Ou seja, para Barcelos (ibid.), o ensino na EJA deve ter como base os princípios freireanos aos quais é fundamental a criação de espaços pedagógicos de aprendizagem dentro de uma perspectiva de acolhimento, de diálogo entre professor e estudante, de uma verdadeira parceria no ambiente escolar.

Até porque segundo o próprio Freire (2011) as pessoas não abandonaram os estudos por escolha, mas como resultado das condições objetivas que vivenciavam. Em certas circunstâncias, “o ‘analfabeto’ é aquele ou aquela a quem foi negado o direito de ler” (p. 25), como resultado da realidade social injusta oriunda de uma sociedade que é fruto de um capitalismo dependente e atrasado, onde os indivíduos precisam ser vistos como sujeitos sociais.

É neste sentido que Torres (2011) afirma que o analfabetismo não é uma doença ou uma erva daninha como alguns costumam dizer. Ele na verdade é uma questão fundamentalmente política resultada da negação de um direito ao lado de outros tantos.

E a negação do direito a esses sujeitos precisa ser reparada, principalmente por meio de uma prática pedagógica acolhedora, que não priorize os conteúdos, mas as pessoas. Por isso “quando estudamos e pesquisamos espaços culturais delimitados geograficamente – como nesse caso o Brasil e uma perspectiva curricular em educação – estamos submetidos a sistemas, fatores e eventos de natureza global” (BARCELOS, 2012, p.28)

Neste sentido, Barcelos (ibid.) lembra que a educação também passou e continua vivenciando um processo de submissão a uma cultura de dominação, na qual algumas diretrizes e práticas curriculares se moldam e reproduzem modelos que priorizam a competição. Mas o autor se propõe a pensar a EJA de forma diferenciada, principalmente considerando o processo de silenciamento vivido pelos estudantes que na fase adulta tentam retornar à escola. E assim ele propõe uma orientação curricular que se importe com as diversas subjetividades que ocorrem no espaço escolar.

Caminhando nesta perspectiva o autor registra que

Há que se pensar alternativas curriculares sem a pretensão de que representem fielmente a realidade, mas sim que possam dialogar com ela, que estejam abertas para receber as contribuições e acréscimos daqueles e daquelas que chegam ao espaço escolar. Currículos e/ou mapas que possam realmente nos orientar no mar revolto, dos tempos de desassossego em que tentamos, todos, navegar (ibid., p.100).

Este é o caminho para o ensino da EJA, lembrando que, para o pesquisador, se o mapa representa uma realidade, quem observa a sua cartografia está enxergando uma representação e não a realidade em si. Por isso, é preciso compreender a EJA dentro de uma perspectiva desafiadora, fruto da inserção do estudante em uma sociedade contraditória e manipulada pelo capitalismo financeiro que é ditado pelo imperialismo.

2.3 O Ensino da Geografia na EJA em um Espaço Pedagógico de Aprendizagem Acolhedor

Ensinar Geografia na EJA diante de todo contexto social vivenciado pelos alunos requer o uso de metodologias de ensino que os levam a construir um significado social ao que está sendo ensinado, abrindo espaços para reflexão do que está sendo discutido. Isto representa as características de uma Geografia acolhedora, a qual se interessa pelo conhecimento que o estudante traz da vida.

Bauman (1999) há 20 anos já trazia um importante questionamento em relação a esta disciplina:

Fazendo uma retrospectiva histórica, podemos nos perguntar em que medida os fatos geográficos, as fronteiras naturais e artificiais dos territórios, as distintas identidades das populações e *kulturkreise* [círculos culturais], assim como a distinção entre “dentro” e fora” – tudo tradicionalmente objeto da ciência geográfica – foram no essencial meros derivativos conceituais, sedimentos/artifícios materiais de “limites de velocidade” ou, de forma mais geral, das restrições de tempo e custo impostas à liberdade de movimento (p. 19).

A atualidade desta afirmação é verificada no cotidiano dos estudantes que não conseguem se identificar com este tipo de ensino padronizado da Geografia, modelo que o imperialismo sempre procurou implantar, mas que a Geografia Crítica não comporta mais.

Batista (2018) afirma que no ensino da Geografia o professor precisa considerar as vivências dos alunos. Para a autora: “É necessário discutir as contradições da sociedade de maneira que o aluno possa perceber as relações de poder que subjazem à organização socioespacial” (p. 132). E isto destoa da concepção tradicional de Geografia.

A autora apresenta os três tipos de Geografia estudadas: 1) Geografia Clássica – é caracterizada no Brasil por descrições, induções e comparações. 2) Geografia Teorética – utiliza-se de técnicas estatísticas e modelos matemáticos. A ideia era a necessidade de organizar o espaço para diminuir custos de transporte entre o centro e os locais de produção. O conceito de cidade é analisado com viés economicista, sendo assim, advoga-se um ensino a favor da industrialização/urbanização. 3) Geografia Crítica – procura denunciar as injustiças socioespaciais, acreditando na construção de uma perspectiva dialética.

Neste sentido, é perceptível que tanto a geografia tradicional quanto a teorética visam uma redefinição das formas de veicular os interesses do capital; já na geografia crítica o uso do conhecimento geográfico torna-se um instrumento de enfrentamento das desigualdades sociais. E é exatamente esta leitura de realidade que precisa ser dialogada com os alunos da EJA, visto que a unidade da geografia crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade espacial contraditória e injusta.

Seguindo este entendimento, Batista (2018) retrata sobre a necessidade do ensino de uma Geografia Viva e na perspectiva vislumbrada neste artigo, Acolhedora

(das experiências dos estudantes da EJA). Até porque, os efeitos éticos dos espaços nos tempos atuais requisitam um olhar crítico sobre os territórios.

Neste sentido, Bauman (1999) afirma que com a globalização o território urbano virou um campo de batalha de uma contínua guerra espacial.

No passado, como hoje, as elites dos ricos e poderosos eram sempre de inclinação mais cosmopolita que o resto da população das terras que habitavam; em todas as épocas elas tenderam a criar uma cultura própria que desprezava as mesmas fronteiras que confinavam as classes inferiores (p.19-20)

Sendo assim, para o autor, o espaço moderno precisava ser rígido, sólido, permanente e inegociável, pois alguns poderiam mover-se para os locais externos quando sentissem vontade, enquanto outros, porém, de forma impotente, só poderiam estar nas localidades que habitavam e em que seus pés moviam-se. Isso porque o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas tornou a realidade local um elo da cadeia que articulava todo o mundo.

Resgatando o pensamento do inesquecível Geógrafo Milton Santos (2006), o espaço deve ser compreendido como um conjunto dissociável de sistema de objetos e sistemas de ações, que não podem ser entendidos de forma separada e sim de forma única. Isto porque os objetos são dotados de grande importância, pois são produtos da transformação da natureza pela sociedade por meio do emprego do trabalho e técnica, gerando assim o espaço social. Tais objetos são empregados para realização de ações, pois, é para isto que eles servem – para ser um instrumento das realizações das ações. Tais sistemas são dotados de horizontalidade que é o *lócus* da produção e de verticalidades que são o conjunto de pontos onde ocorre a distribuição, a circulação e o consumo, satisfazendo assim os objetivos das entidades hegemônicas. Tal espaço reflete também o espaço de mudar e o espaço de fazer.

Dentro deste entendimento, ensinar Geografia na EJA exige uma concepção de espaço e território que perpassa pela conjuntura política, social, econômica e cultural que envolve o mundo dentro da dominação imperialista. E se isto por repassado de uma forma acolhedora, resgatando o conhecimento empírico trazido pelos estudantes jovens e adultos, com certeza se tratará de um ensino vivo!

Bauman (1999) chega a alertar que as riquezas são globais, mas a miséria é local. Por isso ele afirma que “Estados fracos são exatamente o que a Nova Ordem Mundial, com muita frequência encarada com suspeita como uma nova desordem mundial, precisa para sustentar-se e reproduzir-se” (p. 76). E ainda acrescenta o autor que a globalização é na verdade o que está acontecendo a todos que acabam sendo globalizados por uma nova desordem mundial.

E compactuando com este pensamento, Harvey (2018) convida os homens a recuarem e refletirem sobre o que está ocorrendo na atualidade. Ele chama a nova

urbanização espetacular de insana e exemplifica com os investimentos em condomínio de luxo para os ricos (e ultra-ricos) em Nova York, local onde existe uma forte crise de habitação e 60 mil pessoas em situação de rua. E o autor indaga: “O capital está construindo cidades para que pessoas e instituições invistam nelas, e não cidades para as pessoas comuns viverem” (p. 187).

E é sobre esta desigualdade social que os estudantes da EJA precisam aprender a refletir no estudo da Geografia, porque toda esta desordem mundial acaba refletindo no dia a dia de cada aluno da EJA, como também de cada professor de Geografia. Até porque segundo Moraes (2005) a Geografia acaba se manifestando por meio de uma indefinição do seu objeto, porque múltiplas definições são atribuídas a esta ciência.

Moraes apresenta então algumas destas atribuições que encontram-se dentro da Geografia Tradicional: 1) Estudo da superfície terrestre; 2) Estudo da Paisagem; 3) Estudo da individualidade dos lugares; 4) Estudo da diferenciação de áreas; 5) Estudo do espaço; 6) Estudo das relações entre o homem e o meio, ou seja, entre a sociedade e a natureza. Mas o autor ressalta a Geografia Tradicional (na qual a questão do objeto tem maior valor) e explica que a Geografia Renovada não se delimita a estas concepções, por isso não prioriza a necessidade de formulação de uma definição categórica do objeto.

Esta Geografia Renovada encontra seu lugar na atualidade, pois está centrada na ótica do trabalho, se nega a atender aos interesses do capital e procura se tornar um objeto de libertação. Neste sentido, Moraes afirma

O pensamento geográfico vivencia na atualidade um amplo processo de renovação. Rompe-se com as descrições áridas, com as exaustivas enumerações, enfim com aquele sentimento de inutilidade que se tem no decorar todos os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas. Este movimento abrange novas perspectivas para o geógrafo (ibid., p.150)

Diante do exposto, verifica-se que o ensino da EJA pressupõe a aprendizagem de uma Geografia que rompa com todo estudo que configure mera repetição e decoração de rios e suas margens, e que, de forma renovadora e acolhedora, leve os estudantes a refletir sobre as consequências da globalização comandada pelo capital financeiro nas suas vidas.

Este ensino precisa ser amparado no resgate da concepção que Paulo Freire traz de valorização do estudante enquanto sujeito de sua história que, como tal, precisa de acolhimento e da valorização dos seus saberes adquiridos na luta diária. Esta, sim, será uma Geografia Viva – uma Geografia emancipadora que realmente contribua para o enfrentamento das sequelas da questão social oriundas da perpetuação das desigualdades socioeconômicas, políticas e culturais em uma sociedade comandada pelo capitalismo imperialista.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que ocorra o ensino de uma Geografia Viva – comprometida com as questões sociais e políticas decorrentes das antagônicas relações sociais travadas no espaço da sociedade humana (BATISTA, 2018, p. 132).

Este artigo percorreu um caminho para mostrar que é possível se chegar a um ensino da Geografia Viva junto aos alunos da EJA, a qual recusa a prática de mera repetição de nomes de rios, montes e montanhas e se preocupa com a análise das contradições que envolvem a delimitação dos espaços e territórios em um mundo globalizado.

Esta Geografia Viva e Acolhedora precisa ser “comprometida com as questões sociais e políticas decorrentes das antagônicas relações sociais travadas no espaço da sociedade humana” (ibid.) e isto é um desafio muito grande, pois requer reflexão. Talvez seja bem mais fácil levar o aluno da EJA a decorar do que a refletir, mas com certeza este estudante precisa dialogar com a Geografia e com as relações sociais que envolveram a construção da comunidade em que eles estão inseridos. Uma sociedade em que as riquezas são globais, mas a miséria é local.

Sabe-se que as desigualdades sociais no espaço brasileiro são muito acentuadas, e como resultado desta miséria local, muitos estudantes abandonam seus estudos na infância e na idade adulta, com muita luta, tentam retomá-lo; porém, muitas vezes desistem em virtude do enfadonho e cansativo tipo de ensino que lhes é apresentado, o qual não leva em conta o diálogo e a troca de experiências, enfim, não acolhe o estudante.

O próprio Florestan Fernandes, na sua infância, precisou abandonar seus estudos para trabalhar e sustentar sua mãe, e só conseguiu concluí-lo ao realizar um curso supletivo. A história deste renomado escritor brasileiro é a comprovação de que o aluno da EJA pode sim galgar ilustres espaços acadêmicos, mas com certeza ele precisará de um incentivo chamado acolhimento – um ensino acolhedor de disciplinas vivas que contribuam para o crescimento social, político e cultural destes alunos, resgatando uma dívida social de décadas.

E esta linda disciplina conhecida como Geografia, para ser Viva e Acolhedora, precisa se negar a atender aos interesses do capital, procurando se tornar um objeto de libertação. E o espaço da sala de aula de cada turma de EJA é ideal para inserir este tipo de ensino, porque muitas vezes eles são vítimas deste capitalismo selvagem e precisam compreender de forma teórica e prática a realidade que vivenciam no seu cotidiano.

Diante do exposto, discorrer sobre o capitalismo financeiro, EJA e ensino acolhedor da Geografia é entrar em uma arena de lutas e enfrentamentos, exatamente porque para os detentores do capitalismo financeiro, quanto menos debate houver e mais ignorância existir na sociedade brasileira, maior será a chance de prevalecer a hegemonia imperialista. Todavia, o ensino libertador é uma realidade possível e ele é o caminho para balançar as estruturas imperialistas, por isso deve ser priorizado nas escolas, não só na Geografia, mas

em todas as disciplinas.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdo. **Educação de Jovens e Adultos**: Currículo e práticas pedagógicas. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano**: Da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BATISTA, Ana Lídia Santana. A relação Campo-Cidade no Ensino de Geografia: Uma análise do trabalho pedagógico com estudantes do fundamental II. In: **Germinal, Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.10, n.2, p, 124-143, Ago, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica**: Marx e o capital do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2018.

FERNANDES, Florestan. A Crise do Ensino: Contastes do Crescimento sem Democracia. In: **O Desafio Educacional**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. Educação Contemporânea. (Parte 1 - p. 7 a 153)

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HADDAD, Sérgio. A Ação de Governos Locais na Educação de Jovens e Adultos. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n.35, maio/agosto de 2007.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche**: Capital Financeiro, Trabalho e Questão Social. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUES, Rosa Maria. O Lugar das Políticas Sociais no Capitalismo Contemporâneo. In: **Argumentum**, Vitória (ES), v. 7, n.2, p. 7-21, jul/dez. 2015.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: Pequena História Crítica. 20. ed., São Paulo: Annablume, 2005.

NETTO, José Paulo e Braz, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008 (Biblioteca Básica do Serviço Social.v.1)

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção/ Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

TORRES, Carlos Alberto. Estado, Políticas Públicas e Educação de Adultos. In: GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (Orgs). **Educação de Jovens e Adultos**: Teoria, prática e proposta. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. (p. 25 a 34).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 7, 92, 94, 101, 102, 105, 108, 121, 127, 145, 217, 219, 220, 225, 226, 227

Agricultura Urbana 7, 84, 96

Água 6, 27, 28, 36, 40, 42, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 74, 83, 148, 150, 159, 170, 171, 172, 173, 185, 186, 201, 227, 236, 238, 239, 252, 254, 258, 259, 261

Áreas Verdes 229, 233, 234, 244, 254, 256, 257, 259, 260, 261, 264, 266, 267, 269

B

Biogeografia 6, 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 169

Bríofitas 8, 169, 170, 171, 172, 174, 176, 177, 178, 179

C

Cancro Sapiens 7, 129, 131, 137

Capitalismo Financeiro 6, 13, 14, 15, 19, 23

Catalão 7, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 193, 194, 229, 236, 265, 266, 267, 268, 269

Chuvas 7, 41, 44, 54, 135, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 156, 157, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 232, 246, 247, 248, 252, 258, 266

Cisternas 6, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

Clima 6, 8, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 135, 146, 147, 159, 160, 162, 164, 168, 172, 193, 229, 230, 231, 232, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 264, 265, 266, 267, 268, 269

Clima Urbano 8, 229, 230, 231, 232, 233, 237, 238, 239, 241, 243, 248, 249, 250, 251, 253, 255, 265, 266, 268

Cocais 8, 217, 218, 219, 220, 221, 226, 227

Comercialização 7, 89, 92, 101, 102, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 117, 135, 181, 217, 226

Curitiba 103, 114, 115, 120, 122, 124, 126, 128, 145, 178, 179, 245, 266, 267

D

Desenvolvimento 1, 2, 4, 5, 9, 10, 11, 21, 37, 38, 53, 54, 55, 56, 58, 63, 64, 65, 66, 68, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 96, 97, 102, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 124, 126, 127, 128, 135, 140, 142, 144, 145, 161, 162, 168, 173, 181, 186, 188, 191, 200, 201, 203, 204, 205, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 233, 240, 243, 244, 246, 247, 251, 252, 267

Deslizamentos 160, 161, 162, 163, 247, 248, 257

E

Educação 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 24, 26, 28, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 54, 56, 73, 90, 91, 134, 192, 206, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 226, 227, 261, 267, 307

Educação Ambiental 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 192, 261

EJA 6, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

EL NIÑO 43

F

Fome 6, 18, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 55, 94, 228

G

Geografia 2, 5, 6, 1, 5, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 37, 38, 39, 65, 71, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 101, 102, 107, 112, 128, 140, 150, 159, 169, 172, 192, 193, 194, 196, 199, 200, 216, 228, 265, 266, 267, 268, 269, 307

Geografia alimentar alternativa 84, 90, 96

Gestão 58, 59, 61, 62, 63, 92, 105, 114, 115, 120, 124, 128, 139, 162, 181, 191, 192, 203, 205, 206, 211, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 223, 225, 226, 228, 245, 268, 307

Globalização da economia 65, 67, 144

I

Identidade 65, 79, 122, 197, 201, 204, 205, 207, 216, 219

Inclusão 8, 63, 105, 122, 201, 214, 219, 227

L

Lives 6, 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Lixo 126, 180, 183, 184, 189, 191, 192

Lugar 22, 24, 37, 59, 60, 77, 78, 79, 106, 129, 147, 161, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 216, 233, 259, 278, 304

M

Malha Urbana 7, 146, 148, 155, 158, 243, 266, 267, 268

Meio Ambiente 2, 5, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 51, 55, 83, 115, 130, 135, 136, 139, 140, 162, 167, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 191, 192, 231, 238, 257, 265, 267, 307

Metais Pesados 8, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179

Microcervejarias 6, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 81, 82

Monitoramento 8, 7, 12, 105, 148, 169, 171, 177, 178, 179, 214, 219, 223, 245, 247, 248, 268

P

Paisagem 8, 8, 22, 85, 89, 163, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 252, 257, 260

Permacultura Urbana 6, 65, 66, 67, 71, 73, 76, 77, 78

Pertencimento 8, 4, 56, 195, 201, 204, 205, 206, 209, 212, 214, 215, 218, 219

Pluviômetros 146, 150, 151, 152

Pobreza 6, 5, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 55, 92, 183, 219

Política Alimentar Urbana 84, 90, 92, 93

Precipitação 39, 41, 42, 43, 46, 48, 49, 50, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 246, 247, 255

Produção 6, 7, 3, 4, 9, 16, 20, 21, 27, 28, 44, 53, 54, 55, 56, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 94, 96, 97, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 180, 181, 182, 183, 187, 197, 213, 219, 222, 223, 225, 227, 235, 240, 243, 267, 268, 269

R

Resíduos Sólidos 8, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192

Risco 7, 4, 9, 32, 34, 35, 78, 133, 160, 161, 162, 164, 168, 186, 247

S

Semiárido 6, 41, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 75

Setor Agroindustrial 7, 141, 143

T

Temperatura 6, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 76, 147, 148, 163, 172, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 238, 239, 243, 244, 251, 257, 258, 259, 260, 264, 265, 266, 267

Território 8, 6, 12, 19, 21, 32, 43, 54, 59, 65, 69, 70, 71, 79, 82, 117, 118, 119, 127, 128, 141, 142, 143, 144, 181, 186, 191, 194, 200, 201, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 227, 228, 232, 268

Turismo 8, 79, 114, 115, 117, 118, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 162, 197, 271, 273, 274, 279, 292, 293, 304, 305

Geografia e Meio Ambiente

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Geografia e Meio Ambiente

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 **Atena**
Editora

Ano 2021